

## O corpo evangélico: uma leitura a partir de Goffman, Mauss e Bourdieu.

Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz<sup>1</sup>

Flávia Ferreira Pires<sup>2</sup>

### Resumo

O presente texto por base fazer um estudo teórico sobre a questão do corpo, das representações e dos papéis que um grupo evangélico compõe ao interagir como comunidade, para isso uso a teoria de Goffman (2009) para pensar esses conceitos. Fazendo uma ponte entre essas questões, utilizo a questão do corpo e das técnicas corporais por Mauss (2008) e seus conceitos, informando que o corpo é socializado através do *habitus*. Para isso, uso Bourdieu (2007) e a teoria do *habitus* para ilustrar como o *habitus* vai sendo incorporado pelo fiel em seu campo, para poder desempenhar seu papel, solidificando o conceito dado por Bourdieu. Por isso, tenho por objetivo fazer um embasamento teórico sobre essas questões, citando a questão do espaço da igreja evangélica e a maneira como interagem e se socializam. Em relação a isso, delinieie esse texto em: Goffman e a teoria da representação e papéis na igreja evangélica. Mauss com: o corpo na inserção dos papéis. Bourdieu: *habitus* o processo de socializar o corpo

Palavras-Chaves: Corpo; Papel; Habitus; Evangélicos.

### ABSTRACT

This paper based to a theoretical study of the question of the body of representations and roles that an evangelical group composed to interact as a community, for this use the theory of Goffman (2009) to think about these concepts. Bridging these issues, use the question of the body and the body techniques by Mauss (2008) and its concepts, stating that the body is socialized through the habitus. To do this, use Bourdieu (2007) and the habitus theory to illustrate how the habitus is being built by the faithful in their field in order to play its role, solidifying the concept given by Bourdieu. Therefore, I intended to make a theoretical basis on these issues, citing the issue of space of the evangelical church and the way they interact and socialize. In this connection, to draft this text: Goffman and the theory of representation and roles in the evangelical church. Mauss with: the body in the integration of roles. Bourdieu: habitus the process of socializing the body.

Key-works: Body; Paper; Habitus; Evangelicals.

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia- Universidade Federal da Paraíba, Universidade Regional do Cariri-URCA, Docente do Departamento de Ciências Sociais, Faculdade Paraíso do Ceará-FAP, Docente do Curso de Direito.

<sup>2</sup> Flávia Ferreira Pires, Professora Adjunta, Doutora em Antropologia Social, Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Ciências Sociais, CCHLA, Professora e Pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba, Brasil; formação em ciências sociais e antropologia social; área etnográfica semi-árido; temas de pesquisa crianças, infâncias, festas, religião e metodologia e teoria antropológicas. Autora do livro “Quem tem medo de mal-assombro? Religião e Infância no Semi-árido Nordestino” e de vários artigos em periódicos das áreas de Antropologia, Sociologia e Novos Estudos da Infância tais como Revista Brasileira de Ciências Sociais, Mana e *Childhood*.

## Introdução

O objetivo desse trabalho é pensar a igreja evangélica a partir das teorias de Erving Goffman, Marcel Mauss e Pierre Bourdieu. Partimos com a teoria de Goffman em “A representação do eu na vida cotidiana” (2009), pois ao usar o Interacionismo Simbólico, com os conceitos de representação e interação, o autor afirma que essa teoria pode ser útil para pensar diversas esferas da sociedade; por isso pensamos como objeto empírico para refletir a partir de Goffman, Mauss e Bourdieu; o espaço, as relações e os papéis (para Goffman) ou os agentes (para Bourdieu) dentro de igrejas evangélicas.

A primeira autora vem pesquisando sobre a temática da Sociologia da Religião com ênfase nas igrejas evangélicas há três anos, e no decorrer desse percurso visitou diferentes igrejas, e diferentes teologias. A partir dessas visitas, começou a pensar sobre o papel da criança nesse contexto, no papel do pastor, do fiel, e foi através da aproximação de teorias produzidas por Goffman, Mauss e Bourdieu, que pode ver a rentabilidade da união dos conceitos dos autores com as pesquisas realizadas.

A teoria goffmaniana nos fez pensar sociologicamente sobre esses personagens como papéis em suas representações. Outro ponto que vemos através dessas representações é a forma como os corpos dessas pessoas falam sobre o estilo de vida que seguem, para isso usamos Mauss no livro “Sociologia e Antropologia”, (2008), em “As técnicas do corpo”, de como o corpo se socializa através de outros corpos que passam pelos mesmos processos, seguindo assim um *habitus*.

Por isso, Bourdieu também entra nesse tema com o conceito de *habitus* em “O Poder Simbólico” (2007). Este conceito ajuda-nos a pensar o corpo socializado pelo *habitus*, e como o *habitus* constrói a maneira de se orientar no mundo. A partir de então, unimos esses conceitos para pensar o espaço da igreja que será demonstrado abaixo.

Portanto, o objetivo desse artigo é na primeira parte pensar Goffman e os papéis dentro da igreja evangélica, e na segunda parte usaremos Mauss e Bourdieu como o corpo recebe seu papel e como se projeta na socialização da igreja, articulando assim com a teoria de Goffman sobre os papéis.

## 1. Goffman e a teoria da representação e papéis na igreja evangélica

O autor Erving Goffman é um autor da micro sociologia que procura dá a sua teoria um caráter de uma sociologia interpretativa, de caráter dramaturgico, onde as interações face a face (espaço de co-presença), viram padrões de comportamento.

Ele é contra as teorias do funcionalismo e estruturalismo, estabelecidos na época. Ultrapassa a base do Interacionismo Simbólico, escola de Sociologia do século XX, em Chicago, que possuía uma tradição em pesquisas empíricas, que visava os símbolos e a interação. Goffman faz parte dessa escola, mas se destaca por outras teorias que serão apresentadas no texto.

Um dos conceitos de Goffman (2009), que constrói sua teoria é o conceito de representação que envolve interação, e dentro dessas interações há a regras nas relações. Para representação ele afirma:

Venho usando o termo “representação” para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. (GOFFMAN, 2009, p.29)

Então para o autor, o conceito de representação é o pensamento de que em toda parte da vida social há representação. Quando o indivíduo está em um grupo há a representação, seja na universidade, em casa, no trabalho; e pensando assim, existem as pessoas que são observadoras de cada representação, e de acordo com a forma como o indivíduo se posiciona há uma influência de suas ações, em função dos “olhares” dos observadores. Por isso nós nos propomos nesse texto a pensar a teoria goffmaniana com o espaço de uma igreja evangélica, onde há representações, e posicionamentos perante os olhares dos observadores.

É a partir de então, que pensamos esse espaço como local de interação social. Nele há a sociabilidade de se constituir pensamentos e regras que são seguidas por toda a comunidade que interage nesse local, ultrapassando as portas da entrada da igreja, mas com fortalecimento dentro desse espaço. Para Goffman interação é:

A interação (isto é, interação face a face) pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros. (...) O padrão de ação preestabelecido que se

desenvolve durante a representação, e que pode ser apresentado ou executado em outras ocasiões, pode ser chamado de um “movimento” ou “prática”. Estes termos estruturais convencionais. Quando um indivíduo ou ator desempenha o mesmo movimento para o mesmo público em diferentes ocasiões há probabilidade de surgir um relacionamento social. (GOFFMAN, 2009, p.24)

Assim, na igreja, enquanto espaço de interação, há influências dos indivíduos nas ações do outro, um fiel faz determinada tarefa, ou tem determinado comportamento, porque é observado por outros fiéis, e pelo próprio pastor. O comportamento do pastor também é controlado pelos “olhares” do seu espaço de interação, porque principalmente o seu comportamento, que é exemplo para os demais comportamentos.

Cenário na teoria de Goffman é um conceito de espaço para a dramaturgia da vida social, e que pode ser pensado como o palco que concede ao indivíduo realizar sua representação, segundo Goffman:

O “cenário” (...) tende a permanecer na mesma posição, geograficamente falando, de modo que aqueles que usem determinado cenário como parte de sua representação não possam começar a atuação até que se tenham colocado no lugar adequado. (GOFFMAN, 2009, p.29)

É por isso que a igreja evangélica pode ser pensada à luz da teoria de Goffman, pois o espaço físico da igreja é visto como esse cenário, que geograficamente falando, continua no mesmo lugar, e é nele que os personagens que integram essa comunidade irão representar seu papel, é nesse palco que: “Um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores”. (GOFFMAN, 2009, p.09)

É a partir disso, que se constituem os papéis dentro desse cenário. O papel do pastor, dos fiéis e da criança (legitimando que é um ator, que tem um papel).

Quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel. Quer a investidura no papel tenha sido primordialmente motivada pelo desejo de desempenhar a mencionada tarefa, quer pelo desejo de manter a fachada correspondente, o ator verificará que deve fazer ambas as coisas. (GOFFMAN, 2009, p.34)

Ou seja, já é investido um papel antes mesmo do ator atuar em seu papel, e são através desses papéis que ele vai executar as suas tarefas. O pastor é o especialista da igreja, ele tem a tarefa de pregar para o público e tentar com seu discurso atrair mais fiéis, e com isso aumentar o seu público, ou seja, a sua plateia.

No caso dos fiéis que constituem a comunidade da igreja evangélica, há o papel de ouvir e de estudar a Bíblia através do pastor e dos professores; como também se socializar nesse ambiente. Os cantores de louvor são fiéis diferenciados, pois têm autonomia no culto. Eles detêm uma espécie de poder dentro do culto, mas não o poder dos pastores, porém a autonomia deles simboliza um patamar diferenciado entre os fiéis. Os visitantes são figuras importantes nessa igreja, eles compõem uma ordem de pessoas que estão ali não necessariamente para se converter, mas para pedir e receber algo.

Conferimos as crianças um papel importante dentro da igreja, pois além de constituírem o “futuro da igreja” como dizem os fiéis, elas são pessoas com voz ativa dentro do ambiente. As crianças tem um papel dentro dessa sociedade de adultos, elas podem até serem pensadas como dependentes, mas como não estão separadas do conjunto dos fiéis. Podemos ver as suas expressões, as suas vozes e pensá-las como agentes sociais.

Clarice Cohn em “Antropologia da Criança” (2005), nos mostra como é importante observar esse papel das crianças, como atores sociais. A autora explica desde a função de atuação de um papel fictício, até a atuação na sociedade atualizando seus espaços de socialização.

Ao invés de receptáculos de papéis e funções, os indivíduos passam a ser vistos como atores sociais. Se antes eles eram atores no sentido de atuar em um papel, agora eles o são no sentido de atuar na sociedade recriando-a todo o momento. (...) A criança como ator social, a criança como produtor de cultura, e a definição da condição social da criança. (...) Reconhecê-lo é assumir que ela não é um ‘adulto em miniatura’, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações (Cohn, 2005, p.20, 21 e 28).

Cada ator desempenha uma função dentro desse espaço e há uma harmonia do grupo em interação. Goffman ao tratar essa harmonia do grupo, observa que forma-se

grupos dentro dessa interação, que mostra as estratégias e táticas que há nesse envolvimento.

Quando o indivíduo emprega tais estratégias e táticas para proteger suas próprias projeções, podemos referir-nos a elas como “práticas defensivas”. Quando um participante as emprega para salvaguardar a definição da situação projetada por outro, falamos de “práticas protetoras” ou “diplomacia”. Em conjunto, as práticas defensivas e protetoras abrangem as técnicas empregadas para salvaguardar a impressão acalentada por um indivíduo durante o período em que está diante de outros. Será conveniente acrescentar que, embora possamos perceber prontamente que nenhuma impressão cultivada sobreviveria se práticas defensivas não fossem empregadas, estamos menos dispostos talvez a perceber que poucas impressões sobreviveriam, se aqueles que as recebem não revelassem tato na maneira de recebê-las. (GOFFMAN, 2009, p. 22)

É a partir disso que pensamos na hierarquia interna de uma igreja, composta pelos pastores e fiéis. Os pastores detêm as normas e as regras da igreja e passam para os ouvintes. É através dos pastores que a mensagem religiosa será recebida, e por isso deve ser bem passada, por isso há um cálculo estratégico pensado pelas lideranças da igreja; esse cálculo estratégico é o cálculo do poder, o lugar de fala dos pastores é elevado, é distinto, o que mostra a sua diferença em relação aos outros, eles detêm o lugar onde se maneja e se distribui as forças internas da igreja. Percebe-se esse lugar distinto no próprio cenário da igreja, no local que fica como espécie de palco, onde o pastor atua na igreja, ou seja, no púlpito o lugar mais elevado.

Os fiéis possuem suas táticas para estarem nessa relação de poder com os pastores. É a partir das relações entre pastores e fiéis que se tornam visíveis as “maneiras de fazer”. Cada um se identifica com os elementos da igreja e se transforma, a partir de diferentes perspectivas. Há um jogo cotidiano dos direitos e deveres dos atores sociais da igreja, composta por quem detém o poder, isto é, os pastores, e quem segue este poder, os fiéis. Estas práticas habituais são desenvolvidas sem se perceber, cada um exerce sua função na igreja. Por isso os fiéis, para conviver com tal poder, se utilizam de táticas. “A tática é determinada pela *ausência de poder* assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder” (CERTEAU, 1994, p. 101, grifos nossos). Ocorre sem forçar as relações, há um limite do poder, e uma organização das informações do poder para os fiéis, transformando esse poder em práticas diárias de estímulo às suas necessidades, como se fosse uma relação familiar, tudo o que um membro da igreja precisa, os pastores atuam para o melhor do seu rebanho, cria-se assim uma dependência entre os pastores e fiéis, pois só há um se houver o outro.

Ao estudar essa composição das representações de uma igreja evangélica, nos colocamos a pensar sobre o papel de pesquisadora no trabalho de campo o convívio é um dos fundamentos da pesquisa. A primeira autora teve que observar as regras para estar dentro desse cenário. Mesmo sendo uma “intrusa”, foram essas regras a partir das quais pode conhecer as maneiras de abordar as pessoas.

A participação nos cultos, à frequência, o aprendizado das letras de músicas entoadas na igreja, também a ajudaram bastante na constituição dessas aproximações com os “nativos”. O diálogo com os fiéis fazia ser parte daquele universo.

Participou de orações coletivas com os fiéis, com as crianças, auxiliou no lanche delas, lanchou na igreja. Interagiu o quanto pode dentro da igreja, mas ainda se considerava intrusa. Já não se pensa mais a etnografia nos moldes de Malinowski, em viver em uma ilha e não sair dela por alguns anos. Não chegou a se converter na igreja, mas sabia de cada momento dela, tanto que em certas fases precisou momentos de separação para pensar sobre a identidade desta igreja. Enfim, a condição de pesquisadora apontou para a nova condição social que a igreja tem que interagir; não há mais só os pastores, os fiéis, os cantores, as crianças e os visitantes hoje na igreja, há também a pesquisadora que está inserida nela. Acabou criando um novo papel dentro da igreja e da qual precisou de uma performance para se interagir. Para isso Goffman também fala sobre o papel do observador participante:

Ao ser admitido num círculo social fechado, o observador participante tem oportunidade não apenas de mostrar um olhar de aceitação quando está ouvindo um informante, mas deve também ter o cuidado de mostrar o mesmo olhar quando observar o informante conversando com outros. (GOFFMAN, 2009, p.17)

É a partir disso que podemos pensar a religião e a crença que é produzida através dessa representação em particular que é de uma religião que se tem a crença. “As atividades ‘verdadeiras’ ou ‘reais’, as crenças e emoções do indivíduo só podem ser verificadas indiretamente, através de confissões ou do que parece ser um comportamento expressivo involuntário.” (GOFFMAN, 2009, p.12).

As crenças, como as crenças evangélicas, produzidas atividades “verdadeiras” porque tem um comportamento involuntário, expressando assim as emoções dos indivíduos.

Por isso é perceptível nesse contexto apresentado por Goffman de representação que podemos perceber as relações das ações corporais para o desempenho dos seus papéis, e para isso Mauss ajuda com esse conceito em “As técnicas do corpo” do livro “Sociologia e Antropologia” (2009). Esse autor é de extrema importância para fazermos uma ponte entre o interacionismo de Goffman e os conceitos de *habitus* empregado por Bourdieu.

## 2. Mauss: o corpo na inserção dos papéis

Pensar Mauss na perspectiva que pretendemos abordar aqui é usar todos os conceitos de Goffman sobre representação, com papéis e seus desenvolvimentos e unir essa representação com a maneira que a pessoa se expressa através do corpo que foi se socializando para determinado papel. Esse hábito produz um costume que vem sendo reproduzido, por pessoas que também desempenham os mesmo papéis. Segundo Mauss:

Eu digo *as técnicas do corpo*, porque se pode fazer a teoria *da técnica do corpo* a partir de um estudo, de uma exposição, de uma descrição pura e simples *das técnicas do corpo*. Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. Em todo caso, convém proceder do concreto ao abstrato, não inversamente. (...) Toda técnica propriamente dita tem sua forma. Mas o mesmo vale para toda atitude do corpo. Cada sociedade tem seus hábitos próprios. (MAUSS, 2008, p.402 e 403)

Prossegue afirmando como se constitui essas técnicas:

Chamo técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. Peco-vos então a permissão de considerar que adotais minhas definições. Mas qual é a diferença entre o ato tradicional eficaz da religião, o ato tradicional, eficaz, simbólico, jurídico, os atos da vida em comum, os atos morais, de um lado, e o ato tradicional das técnicas. (...) Além disso, todas essas técnicas se ordenam muito facilmente num sistema que nos é comum: a noção fundamental dos psicólogos, sobretudo Rivers e Head, da vida simbólica do espírito, noção que temos da atividade da consciência como sendo, antes de tudo, um sistema de montagens simbólicas. (MAUSS, 2008, p.408)

Por isso a educação faz parte dessa forma de transformar o corpo em maneira de se socializar, pois como diz o autor cada sociedade tem seus hábitos. Diremos que cada sociedade também constrói personagens que reproduzem papéis através de suas linguagens e de suas técnicas corporais.

A noção de educação podia sobrepor-se à de imitação. Pois há crianças, em particular, que têm faculdades de imitação muito grandes, outras muito pequenas, mas todas se submetem à mesma educação, de modo que podemos compreender a seqüência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. (MAUSS, 2008, p.405)

Ao pensar a infância na sociedade de adultos, com o exemplo dado por Mauss, de que crianças e adultos imitam atos bem sucedidos, podemos usar o exemplo de Fernandes que nos ajuda pensando na ideia de imitação. “As crianças abstraem de modo genérico A, B ou C para falar de pai, mãe, bailarina, então há uma imitação dessas representações sociais, na função social”. (Fernandes, 2004, p. 249) A imitação é relativa à representação social que a figura de um adulto representa; exemplo disso pode ser observado nos pastores mirins, que imitam a figura da função social do pastor. As crianças imitam a função social do pastor, mas não um pastor x. Ao pregar elas representam nas suas desenvolturas uma espécie de “imitação” de um pastor, porém elas não apenas imitam, mas “reproduzem interpretando” (Corsaro, 2005). Então para as crianças a imitação da representação social faz parte da sua socialização, o que as permite também desenvolver sua agência social.

Por isso pensar Mauss é pensar na prática da imitação que vem através do hábito diário, para isso ele diz:

Assim, durante muitos anos tive a noção da natureza social do *"habitus"*. Observem que digo em bom latim, compreendido na França, *"habitus"*. A palavra exprime, infinitamente melhor que "hábito", a *"exis"* [hexis], o "adquirido" e a "faculdade" de Aristóteles (que era um psicólogo). Ela não designa os hábitos metafísicos, a "memória" misteriosa, tema de volumosas ou curtas e famosas teses. Esses "hábitos" variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a

obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição. (...) Essas técnicas são, portanto as normas humanas do adestramento humano. (MAUSS, 2008, p.404 e 411)

É através dessa memória misteriosa que nos comportamos no lugar em que estamos de determinada maneira, usando os papéis como elemento de habitar na sociedade, só conseguimos nos reproduzir como seres sociais, porque nos formamos em determinado sistema de técnicas que nos condiciona a vivermos em certas representações. “É graças à sociedade que há uma intervenção da consciência. (...) É graças à sociedade que há segurança e presteza nos movimentos, domínio do consciente sobre a emoção e o inconsciente”. (MAUSS, 2008, p.421)

Pensando nas técnicas corporais de Mauss, e o *habitus* adquirido, Bourdieu pode nos ajudar no aprofundamento dessa teoria.

### **3. Bourdieu: *habitus* - o processo de socializar o corpo**

A sociologia de Bourdieu consiste na sociologia praxiológica, que compõe de objetivismo X subjetivismo; trabalha com uma dialética das estruturas e subjetivismo, e busca escapar de uma estrutura unilateral. Tem como ideia fundamental o poder simbólico e os conceitos de campos e *habitus*.

Vamos iniciar a conceituação de Bourdieu em poder simbólico e campos, para enfatizar no conceito de *habitus* como elemento essencial na vida social e na ajuda das técnicas que o corpo se socializa em seus papéis, usando como exemplo a igreja.

Segundo Bourdieu, o poder simbólico dá sentido ao mundo, é um poder invisível. Ou seja, usando o exemplo da igreja, que é uma instituição que possui um poder simbólico, então, há envolvidos símbolos invisíveis que dá sentido ao mundo, como a questão dá fé. Ter fé em um Deus dá sentido do mundo a um fiel. “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo”. (BOURDIEU, 2007, p.09)

Por isso os sistemas simbólicos são estruturas estruturantes. Segundo Bourdieu:

Os símbolos são instrumentos por excelência da integração social: são os instrumentos por excelência enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...), eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui

fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral. (BOURDIEU, 2007, p.10)

O fundamental da teoria de Bourdieu são os conceitos de campo e *habitus* que constituem o poder simbólico, para isso pensamos campo, com o exemplo de campo religioso, que possui seu capital simbólico através do poder da fé e da salvação.

Um campo é um “sistema” ou um “espaço” estruturado de posições. Cada campo possui regras específicas, irredutíveis às regras do jogo ou aos desafios de outros campos, exemplo às regras do campo religioso é diferente das regras do campo econômico. Todo campo possui capital simbólico, onde o capital é desigualmente distribuído dentro do campo e existem, portanto, dominantes e dominados. O capital do campo religioso, por exemplo, podemos usar a questão da crença em Deus, quanto mais o fiel acredita, maior capital religioso ele possui e produz. Voltando a questão da hierarquia, da qual colocamos que existe na igreja, que, portanto usam-se estratégias (os dominantes), e táticas (os dominados). A distribuição desigual do capital determina a estrutura do campo, que é, portanto, definida pelo estado de uma relação de força histórica entre as forças (agentes, instituições) em presença no campo. A cada campo corresponde um *habitus* próprio.

Não vamos nos fixar na noção de campo, mas sim em *habitus*, para explicar a situação explicada. Para Bourdieu o conceito de *habitus* ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar a “interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”. Os atores sociais são dotados de *habitus*, inscritos nos corpos pelas experiências passadas, então *habitus* é estruturado e estruturante. O autor procurava evidenciar as capacidades criadoras ativas, inventivas, do *habitus* e do agente.

Nesse sentido, o *habitus* possui certa inércia, que funda o estilo de vida dentro de um campo. Bourdieu em “*Habitus e Incorporação*” do seu livro “*Meditações Pascalianas*” (2007), percebemos que tem o significado de aprendemos com o corpo; inCORPOração: substrato do *habitus*, o corpo como receptor dos *habitus* do campo, que vão sendo incorporados.

O *habitus* constrói o mundo por certa maneira de se orientar nele; é o produto de uma história, os instrumentos de construção social investido por ele no conhecimento

prático do mundo e na ação são socialmente construídos, ou seja, estruturados pelo mundo que eles estruturam. O corpo está no mundo social e o mundo social está no corpo. É por isso que, a ordem social se inscreve nos corpos. Na igreja evangélica é clara essa incorporação pelo *habitus*, a história que foi construída desde a inserção do fiel a igreja até quando ele aprende as maneiras de se comportar dentro do seu papel, são construídas nessa comunidade, e vai se estruturando no cenário da igreja. São as maneiras de um fiel cantar, que é diferente da maneira do pastor cantar. Ou seja, o *habitus* que se constrói com o papel do pastor é diferente do *habitus* construído pelo papel do fiel.

A linguagem faz parte do *habitus* que incorporamos; elas se ajustam espontaneamente a necessidade do campo, sem qualquer intenção manifesta nem cálculo, o que significa que o agente nunca é por inteiro o sujeito de suas práticas. Dessa forma, o senso prático é o que permite agir de maneira adequada sem executar um “é preciso”, uma regra de conduta.

Ou seja, a incorporação que vem através do *habitus* que os fiéis incorporam do campo religioso segue uma regra, que vem através das práticas religiosas, das atividades que eles exercem em conjunto, a linguagem utilizada, faz parte do universo das pessoas que estão interligadas, no momento que elas se apresentam nas suas representações, são compostas por comportamentos passados, que vão sendo atualizados quando estão em conjunto.

A relação com o mundo e uma relação de presença no mundo, de estar no mundo, no sentido de pertencer ao mundo, de ser possuído por ele, na qual nem o agente nem o objeto são colocados como tais. O grau em que o corpo e investido nessa relação constitui decerto um dos principais determinantes do interesse e da atenção que se acham nela mobilizados, bem como da importância- mensurável por sua duração, sua intensidade etc. – das modificações corporais dela decorrentes. (...) Aprendemos pelo corpo. A ordem social se inscreve nos corpos por meio dessa confrontação permanente, mais ou menos dramática, mas que sempre confere um lugar importante a afetividade e, mais ainda, as transações afetivas com o ambiente social. (BOURDIEU, 2007, p.172)

Então podemos perceber que a função do *habitus* é restituir ao agente um poder gerador e unificador, construtor e classificador, essa capacidade de construir a realidade social, ela mesma socialmente construída, não é a de um sujeito transcendental, mas um

corpo socializado, investido na prática dos princípios organizadores socialmente construídos e adquiridos no curso de uma experiência social situada e datada.

Isso quer dizer que a partir do exemplo das pessoas da igreja, é possível utilizar a teoria bourdiana na questão do campo religioso, demonstrando o *habitus* incorporado pelos fiéis em seu modo de se socializar na comunidade, pois o *habitus* transforma o corpo em um corpo socializado, que possui um campo próprio de se exercer. Pensando nisso cada agente, em cada papel nos termos de Goffman, tem uma forma de apresentação desse corpo socializado pelo *habitus*.

### **Considerações Finais**

Portanto pensar o corpo do fiel evangélico, onde se encontra o espaço que ele vive, que representa, que socializa e que carrega esses traços, é pensar o quanto a teoria de Goffman pode ser importante na Sociologia da Religião, observando a igreja evangélica, com o palco, o cenário e observando as representações dos papéis sociais envolvidos naquele espaço. Para isso, Mauss também ajuda a pensar como esses papéis se transformam ao longo dos processos em que o corpo vai se socializando, se integrando e interagindo com aquele ambiente. O termo as técnicas do corpo, faz pensar não só como o fiel ou pastor se comporta, mas nos faz pensar na desenvoltura do momento em que o pastor prega, pula, grita, ora e ao mesmo tempo, com aquele corpo, ele fala baixinho, ele ora em pensamento. O corpo fala na sua representação, e ele só fala por que ele foi socializado pelo *habitus* histórico daquele grupo. Por isso Bourdieu, entra nessa perspectiva com o conceito de *habitus*, aquele que faz a incorporação dos indivíduos aos meios ou campo dos quais fazem parte.

Tentamos traçar uma linha lógica para pensar o corpo do fiel através dos conceitos de representação, cenário, papel de Goffman; *habitus* de Bourdieu; tendo como fio condutor o corpo socializado, mostrado por Mauss, que exprime um papel que representar sua função social.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. "Habitue e Incorporação". In: **Meditações Pascalianas**. Tradução de Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. RJ: Jorge Zahar. Ed. 2005.

FERNANDES, Florestan. **As "Trocinhas" do Bom Retiro**. Pro-Posições, v. 15, n. 1(43)- jan-abr; 2004.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17º Ed. - Petrópolis, Vozes, 2009.

JAMES, Allison & PROUT, Alan. **Constructing and Reconstructing Childhood: contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood**. Taylor & Francis e-Library, 2005.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: COSACNAIFY, 2008.

NUNES, Ângela; Aracy Lopes da Silva; Ana Vera Lopes da Silva Macedo (organizadoras). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. SP: Global, 2002 – (Coleção antropologia e educação).

PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. **Fé nas prateleiras de vendas: a sedução do marketing religioso**. Artigo da internet. Disponível em: [encipecom.metodista.br/mediawiki/images/f/f6/GT4Texto006.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/f/f6/GT4Texto006.pdf) , 2009. Acesso em 02/12/11

PRANDI, Reginaldo e PIERUCCI, Antônio Flávio. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo; Hucitec, 1996.

SCHILDKROUT, Enid. "Age and Gender in Hausa Society: Socio-Economic Roles of Children in Urban Kano" pp. 109-137. **Age and Sex as Principles of Social Differentiation**. J.S. La Fontaine (Ed.) London: Academic Press. 2002